



José Jobson de Andrade Arruda

Finalmente em 1980, passados trinta longos anos desde a primeira edição francesa em 1949, o público da língua portuguesa passou a ter acesso ao clássico de Fernand Braudel, *O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Filipe II* (Lisboa — São Paulo, Publicações Dom Quixote e Livraria Martins Fontes, 1980).

O tema: o Mediterrâneo

Braudel tinha uma relação apaixonada com seu objeto de estudo, o Mediterrâneo. Reconhecia que o inconveniente de empreendimentos demasiadamente vastos é que acabamos por nos perder neles. Mas, confessava, por vezes, perdia-se com prazer. Isto é o que se pode chamar uma verdadeira interação com seu objeto de estudo!

Não foi de imediato porém que vislumbrou o seu objeto. Como confidenciou a seu mestre Lucien Febvre numa carta, pretendia estudar a política mediterrânea de Filipe II — justo a Febvre, um especialista na política de Filipe II em relação ao Franco-Condado¹ — procurando interessá-lo na sua empreitada. Em sua resposta Febvre demonstrava um real encantamento com o tema, mas no final do texto inquiria: "Filipe II e o Mediterrâneo, belo objeto. Mas por que não o Mediterrâneo e Filipe II? Um outro grande tema ainda? Pois, entre esses dois protagonistas, Filipe e o Mar Interior, as importâncias não são iguais..."

Definindo-se pelo Mediterrâneo como o fulcro de sua análise, Braudel iniciou uma vastíssima pesquisa em arquivos e bibliotecas do mundo mediterrânico. Tinha nas mãos não apenas um objeto, como tantas vezes o fora nas mãos de

¹ FEBVRE, Lucien, *Philippe II et la Franche-Comté*. Paris, Champion, 1912.

**O objeto
"Mediterrâneo":
um caso de amor.**

**O método:
poeira de
estrelas.**

outros estudiosos. Pela primeira vez um mar ou, se preferirmos, um complexo de mares, era promovido à categoria de dignidade e personagem histórica principal. "Uma personagem complexa, embaraçosa, excepcional, que escapa às nossas medidas e definições", segundo o próprio Braudel, pois, "o Mediterrâneo nem sequer é um mar, e sim um 'complexo de mares', de mares peçados de ilhas, cortados por penínsulas, cercados por costas rendilhadas; a sua vida está ligada à terra, a sua poesia é predominantemente rústica, os seus marinheiros são camponeses nas horas vagas; é o mar dos olivais e das vinhas, tanto como dos esguios barcos a remo ou dos redondos navios dos mercadores, e a sua história não pode ser separada do mundo terrestre que o envolve, tal como a argila não o pode ser do artesanato que a modela".²

Enfim, uma grande personagem, que durante séculos foi o centro da civilização ocidental, condição que ainda mantém no século XVI (apesar das desconfianças em contrário), segundo comprovaram as pesquisas de Braudel, que não o encontra em decadência imediata. Encontra-o em franca ascensão.

O resultado foi uma obra equilibrada no seu conjunto, extremamente bem ilustrada com portulanos, mapas, cartas, gráficos. Tapeçarias usadas com sensibilidade histórica. Um estilo claro e despojado, sem declarações grandiloquentes nem presunçosas profissões de fé.³ Denso de história e leve de estilo, que revela com nitidez cristalina qual halo resplandecente das telas iluminadas pela genialidade do artista. História ou literatura? Ambas as coisas. É um livro que adentra os sentidos e plasma a alma do leitor.

O método: a dialética da duração

Braudel considerava que não existe a história perfeita e acabada. Mesmo suas conclusões, aquelas às quais chegara em seu estudo sobre o Mediterrâneo, deveriam ser analisadas, discutidas, refeitas, pois somente nestes termos poderia avançar o conhecimento histórico. Para ele, as questões de enquadramento eram as mais cruciais, pois delas derivam todas as demais, na medida em que "delimitar é definir, analisar, reconstruir e, neste caso concreto, escolher e mesmo adotar uma filosofia da história".

Em última instância, Braudel realizara no seu *Mediterrâneo* o projeto de história preconizado pelos grandes mestres dos *Annales*, especialmente Marc Bloch e Lucien Febvre, aos quais sucedeu na direção da revista. Segundo ele próprio dizia, sua dívida para com os *Annales* era imensa e pretendia saldá-la publicamente. Entende-se, pois, a saudação que lhe fez Febvre em 1949. Atribui ao livro uma concepção nova de História. Uma verdadeira revolução. Uma história que se desenrola em vários planos inclinados e superpostos, perpetuamente em comunicação mas distintos. O limite lógico e necessário de uma decomposição do Homem na sua unidade abstrata. Trata-se de um "cortejo de personagens", como dizia Braudel.

Era a primeira vez que um historiador ousava, nas suas reflexões, romper com a mais antiga e venerável das tradições: substituiu a ordem cronológica por uma ordem metodológica, uma ordem dinâmica e genética ao mesmo tempo, buscando o mútuo esclarecimento dos três planos em que se desenrola a ação. Uma ordem que vai do mais profundo e do mais constante ao mais superficial e efêmero, pois a história "não pode ser somente os grandes planos inclinados, suas realidades coletivas lentas a atar e desatar suas narrações. A história é também esta poeira de atos, de vidas individuais ligadas umas às outras — às vezes um instante liberado, como se as grandes correntes se rompessem". E Fernand Braudel conclui: "A história é a imagem da vida sob todas as suas formas. Ela não tem escolha".⁴ Trata-se de uma história mais viva, mais pensada, mais eficaz, e mais adaptada aos destinos do mundo atual.

Assim como o espaço, o Mediterrâneo, o tempo, a duração foi eleita à condição de personagem histórico. Para Braudel a história se desenrola em três níveis concomitantes, mas diferentes. São três planos escalonados ou, o que se poderia distinguir no tempo da história, um tempo geográfico, um tempo social e um tempo individual.

A longa duração

Em termos do próprio Braudel, sua obra divide-se em três partes, cada uma das quais pretende ser uma tentativa de explicação de conjunto.

² Prefácio da Primeira Edição, p. 22.

³ FEBVRE, Lucien, "Hacia Otra Historia" in, *Combates por la Historia*, trad. esp., Editora Ariel, Barcelona, 1974, p. 239.

⁴ BRAUDEL, Fernand, *La Méditerranée et le Monde Méditerranéen à l'Époque de Philippe II*, 2.^a edição, Armand Colin, Paris, 1966, p. 721.

Na primeira parte — são 395 páginas — delinea-se uma história quase imóvel, a história das relações entre o homem e o meio que o rodeia, uma história de lentas transformações, um eterno recomençar. A preponderância daquilo que permanece, que tende a uma duração secular.

A preponderância das linhas de força detectadas neste tempo, levou o próprio Braudel a denominar seu método por *geo-história*. Não se verifica, porém, uma análise acadêmica de geógrafo que morosamente prepara o terreno para o trabalho do historiador, deixando a base geográfica como um mero "pano de fundo". Ela fundamenta a explicação no seu "clima" humano.

Ficamos impressionados com a riqueza de detalhes. Detalhes que podem se transformar numa grande explicação. Dá-nos a impressão de conhecer palmo a palmo todas as montanhas que descreveu, de tal maneira as faz reviver diante de nossos olhos, espicaçando nossa imaginação por meio de sua explicação mágica. A montanha é uma fábrica de homens para serviços de terceiros. Talvez isto se explique pela gama de recursos que possui e pelo fato de que as planícies eram geralmente áreas infectadas, de águas estagnadas, geradoras de moléstias como a malária. As montanhas foram ocupadas primeiramente pelos homens. As planícies ficaram por último. Existe entre elas, pois, uma contradição de tempo histórico. Braudel mostra que um ou dois séculos são necessários para que uma planície nasça para a vida ativa, vença as águas selvagens e crie um sistema de estradas e canais. Mais tempo ainda é necessário para que a região baixa absorva os excedentes populacionais das regiões altas, onde iniciou-se um processo migratório. No século XVI, por exemplo, a montanha mediterrânea superpovoada explode em busca de libertação, confundindo-se esta guerra imprevisível com a guerra social, larvar e interminável à qual se tem aplicado o termo banditismo. A estas oscilações entre o homem e o meio tem-se que acrescentar as flutuações econômicas, bastante lentas, porém menos reduzidas. Todos esses movimentos sobrepõem-se regulando a vida complexa dos homens, que somente podem sobreviver se respeitarem estes fluxos e refluxos. O Mediterrâneo não é um mar. É uma sucessão de planícies líquidas que se comunicam entre si. As ilhas são mais numerosas do que se su-

põe. Algumas são continentes em miniatura. Pequenas ou grandes, todas elas se integram num meio humano coerente, pois todas estão sujeitas a pressões análogas, por se situarem diante da mesma história geral do mar e responsáveis pela permanente oscilação, muitas vezes brutal, entre os pólos opostos da modernidade e do arcaísmo. Possuem uma vida frugal, precária, permanentemente ameaçada. Por estarem situadas nas mais importantes rotas marítimas são afetadas por todas as grandes convulsões que, normalmente, têm reflexos no rumo da sua evolução ulterior. Contudo, o processo mais comum de relacionamento das ilhas com o mundo é o da imigração. Todas as montanhas (e de resto muitas das ilhas do Mediterrâneo são montanhas) são exportadoras de homens. Existem porém, ilhas que não correspondem a esta descrição clássica. São, pelo contrário, verdadeiros mundos isolados, quase semi-ilhas, como a Grécia e outras regiões que, cercadas por muralhas terrestres, apenas no mar encontram uma saída.

Ao pensar-se o Mediterrâneo é necessário rejeitar a definição geográfica clássica, vulgar e estreita, segundo a qual o Mediterrâneo vai do limite Norte da oliveira até o das grandes palmeiras do Sul. Ora, segundo os dados da história, o Mediterrâneo é uma massa compacta que extravasa com regularidade dos seus limites. O Mediterrâneo tem a todo momento as dimensões que lhe dão os homens, a cujos destinos se encontra ligado.

A esse mundo espesso, compacto e mal delimitado, só se pode reconhecer a unidade de ser um encontro dos homens, uma liga de histórias. No coração deste bloco humano atua uma poderosa unidade física, um clima unificador das paisagens e dos gêneros de vida. Por todo lado se encontra, filha do clima e da história, a mesma trindade: o trigo, a oliveira, a vinha, ou seja, a mesma civilização agrária, a mesma vitória dos homens sobre o meio físico.

O Mediterrâneo só tem unidade pelo movimento dos homens, as ligações que implica, as rotas que o conduzem. De 1550 a 1600, nenhuma grande revolução técnica revela-se, à primeira vista, nos transportes marítimos ou terrestres: os mesmos barcos de antes, os mesmos comboios de bestas de carga, as mesmas viaturas imperfeitas, os mesmos itinerários, as mesmas mercadorias transportadas. Pode concluir-se, com certeza, que se verificou durante a segunda me-

Mediterrâneo, homem e meio

⁵ FEBVRE, Lucien, "Hacia Otra Historia", *art. cit.*, p. 238.

Mediterrâneo: o método do homem.

tade do século XVI, um aumento do tráfico terrestre, até mesmo uma reabilitação de rotas abandonadas. Por outro lado, não parece ter havido diminuição na frequência das rotas marítimas. Tendo, pois, havido um acréscimo geral.

As cidades do Mediterrâneo aumentam de população, seu corpo cresce, superam crises e dificuldades; no entanto, todas as cidades assistem a restrições à sua liberdade em face da ampliação dos estados territoriais, que crescem ainda mais depressa do que elas e as subjugam, anunciando uma nova idade da política e da economia. As cidades são motores, giram, animam-se, estafam-se, recomeçam novamente. A linha do destino prenuncia o recuo que se acentuará no século XVII. Avanço iluminado, poder-se-ia dizer dos motores urbanos de 1500 a 1600; mas, muito tempo antes do novo século, o acelerador está preso: avarias, boatos suspeitos multiplicam-se, se tudo ainda avança.

A geografia historicamente decomposta por Braudel permite-nos captar a diversidade e também a unidade mas, principalmente, a coesão da paisagem humana. Quando fala das montanhas mostramos este mundo de homens fortes, familiares, secretos, que vivem à margem das correntes comuns. Ao falar das planícies líquidas revela como elas criam uma civilização de conjunto. Das ilhas, estes mundos ameaçados, atormentados sem cessar pela fome, sitiados pelos corsários, o mundo da retaguarda, arcaico, guardião da economia primitiva e síntese das grandes correntes das civilizações e que sabem viver em família, os arquipélagos. Assim, penínsulas, montanhas, planícies, espaços líquidos, ilhas, clima, correntes de tráfico, cidades, são vocábulos de geógrafo, mas Braudel não o é. É, isto sim, um insigne historiador. O meio que ele descreve não é um meio intemporal. É um meio mediterrâneo composto pelos agrupamentos humanos da segunda metade do século XVI. O meio no qual, durante esta segunda metade do século, evoluem os grupos de homens que moldam e são moldados pela natureza. Realiza-se aí, de forma cristalina, a total interação homem-natureza.

Braudel estudou, portanto, em primeiro lugar as forças permanentes que operam sobre as vontades humanas — que pesam sobre elas sem que possam se dar conta — que as direcionam em múltiplos sentidos. Um tipo de análise que jamais fora tentado até então, que magicamente

transforma a palavra Mediterrâneo numa força diretora, canalizadora, que acelera e freia o jogo das forças humanas.⁵

A média duração

Sobre esta história imóvel, Braudel distingue uma outra história caracterizada por um ritmo lento, cujo movimento oscila entre dez, vinte, cinquenta anos. Esta é a história que ele gostaria de denominar a *história social*, a história dos grupos e agrupamentos humanos. Trata-se de uma história lentamente ritmada. Economia, sociedade, civilização, o próprio subtítulo da revista *Annales* depois de 1945.

Nas 393 páginas que se seguem, Braudel começa por definir os instrumentos de medida da economia do século XVI. Conclui que a medida conjuntural do espaço, peculiar ao século XVI, tem dimensões quase permanentes. A idéia de precisão nestas medidas deve ser abandonada em favor de uma ordem de grandeza relativa. Neste plano, o Mediterrâneo do século XVI, grosso modo, possui sempre dimensões equivalentes às do Império Romano. Aos olhos dos contemporâneos, portanto, o Mediterrâneo tinha dimensões aparentemente mais amplas do que se nos apresenta hoje em dia.

O espaço superdimensionado colocava questões graves para os impérios do século XVI. O Império Espanhol era, na época, um empreendimento colossal de transportes por mar e por terra, exigindo constantes deslocamentos de tropas, transmissão quotidiana de ordens e de notícias. A política de Filipe II exige estas ligações, precisa destes exércitos em movimento, destas transferências de metais preciosos, circulação de letras de câmbio. São coisas essenciais que explicam uma boa parte das atitudes políticas de Filipe II e a importância que a França tinha para ele. É uma luta constante contra o espaço. Não raro inglória. O Império Espanhol, mal situado, dada a sua dispersão européia e mundial, empregou aí o máximo de suas forças, organizando-se melhor do que qualquer outro para estas tarefas vitais de transporte e comunicações. Não há, pois, dúvidas de que o combate contra o tempo no Império Espanhol foi um duro combate, o que evidencia a medida do século XVI. No quadro da economia o espaço urbano tem um papel decisivo. As praças

mercantis são os motores essenciais da vida econômica. Quebram a hostilidade do espaço, lançam as grandes circulações que, à velocidade permitida pela época, triunfam custe o que custar sobre as distâncias.

O Mediterrâneo, de fato, estava semeado de zonas de economia semifechada, mundos estreitos ou amplos organizados para eles mesmos — com suas inumeráveis medidas locais, seus hábitos, seus dialetos. O número dessas autarquias econômicas é impressionante.

Era um mundo que não comportava mais de sessenta ou setenta milhões de homens. O ritmo do crescimento demográfico acelerou-se subitamente no século XVI. Seria possível dizer, talvez, que a população dobrou entre 1500 e 1600, um aumento de 100%. Seus problemas de imigração foram sensivelmente agravados. Talvez, se o Mediterrâneo não fosse aberto para todos os lados e, especialmente, para o Oeste e para o Atlântico, teria resolvido sozinho seus graves problemas de excedente populacional, repartindo-os através de seu espaço.

O trigo por si só determina a esmagadora superioridade da produção agrícola sobre todas as outras. A agricultura é a primeira indústria do mar interior. Um balanço industrial levar-nos-ia a considerar que, dos 60 a 70 milhões de homens, cerca de 3 milhões dedicavam-se ao artesanato e dele viviam, incluindo na categoria artesanato um amplo espectro de atividades humanas produtivas. Dominando na atividade manufatureira o sistema *verlag*, pelo qual o mercador ou comanditário, o *verlager*, adiantava ao artesão a matéria-prima para que ele a transformasse, em troca de um salário previamente fixado. Este sistema produtivo mostrou-se extremamente persistente e capaz de resistir às situações mais adversas. O universo do trabalho artesanal é bastante mesclado. Raramente são originários da própria região, caracterizando-se numa mão-de-obra itinerante, o que se explica por sua especialização.

O volume das transações mercantis que passam pelo mercado é reduzido. As formas elementares — troca, autoconsumo — ultrapassam de longe as operações de mercado, o que torna praticamente impossível medir o ritmo da acumulação e dos rendimentos. O comércio a longa distância exige lucros extremamente diferenciados, mas o volume dos negócios de trigo tem muito maior importância do que a pimenta, se bem que

seja esta a produzir os lucros mais elevados, emergindo aí, o "alto" capitalismo que somente entra em ação quando tem a expectativa de vultosos lucros. No Mediterrâneo não vemos com clareza estas altas esferas do capitalismo.

Os estados são os maiores empreendimentos do século. Firmam-se cada vez mais pelo seu papel de grandes coletores e redistribuidores de rendimentos, apoderando-se, por meio de impostos, da venda dos cargos, das rendas, dos confiscos e de uma enorme parte dos diversos produtos nacionais.

Falando dos metais preciosos e da economia monetária, Braudel diz que se as evidentes tentativas de revolução social fracassaram, sequer se formularam claramente, foi devido a uma relativamente intensa pauperização. Uma tipologia dos salários, bastante precária, levaria a considerar que abaixo de vinte ducados de salário mensal um homem é miserável; acima de vinte, até quarenta ducados é dito "pequeno"; de quarenta a cento e cinquenta ducados é "razoável". Em suma, muitos pobres, muitos miseráveis, um vasto 'proletariado' ao qual a história aos poucos concede o seu lugar. Um 'proletariado' que pesa cada vez mais à medida que o século se acaba. Alimentará pilhagens persistentes, verdadeira revolução social, longa, inútil. A miséria geral resolverá o conflito, atirará impiedosamente pobres e deserdados para o plano zero da vida.

Da página 509 em diante, desenrola-se o movimento dos metais preciosos, das moedas e dos preços, onde aparecem inúmeros gráficos e organogramas elaborados por Braudel e Spooner para a *Cambridge Economic History of Europe*, acrescentados ao livro após a segunda edição.⁶ Da página 593 até o final do texto, analisa aspectos do comércio e do transporte, interessando-se sobretudo por uma descrição de conjunto, na qual observa a crise da pimenta, a crise do trigo e a invasão do Mediterrâneo pelos navios do Atlântico, implicando num vasto círculo de ligações que envolvem o Mediterrâneo, o Atlântico, o canal da Mancha, o Mar do Norte e o Báltico, Braudel atesta a permanência, durante todo o século XVI, da rota Ormuz e Aleppo para o tráfico de especiarias. Analisa as datas definitivas do comércio do extremo oriente com o Mediterrâneo, alcançado muito além do ano de 1600, a tão decantada crise — que muitos historiadores atribuíam ao início do século XVI

⁶ BRAUDEL, Fernand, e SPOONER, Frank, "Prices in Europe from 1450 to 1750", in, *the Cambridge Economic History of Europe*, vol. IV. *The Economy of Expanding Europe in the Sixteenth and Seventeenth Century*, E.E. Rich e CH. Wilson editores, Cambridge University Press, 1967, pp. 378-486.

— da cidade de Veneza, quando a velha rainha do Mediterrâneo teria sido destronada pelo Rei Oceano.

Nesta segunda parte, portanto, Braudel põe em relevo as forças particulares, animadas por uma certa constância — forças impessoais e coletivas — mas, desta vez, fechadas e localizadas, que atuam no Mediterrâneo durante uma época, a duração da vida de Filipe II.

A curta duração

É história a curta duração?

Eis, então, o último tempo. O tempo curto, fugaz, breve, contingente. É a história tradicional, que não dá a dimensão do homem mas do indivíduo. Uma história da superfície, das "vagas levantadas pelos poderosos movimentos das marés, uma história com oscilações breves, rápidas, nervosas. Ultra-sensível por definição, o menor movimento ativa todos os instrumentos de medida. Com todas estas características, é de todas a mais apaixonante, a mais rica em humanidade e, também, a mais perigosa".⁷

Tradicionalmente colocada em primeiro lugar, foi, nesta obra, relegada ao último plano, o terceiro, a justo título. É um mundo perigoso para o historiador. Um mundo cujos perigos poderemos exorcizar, se tivermos previamente estudado as grandes correntes subjacentes, freqüentemente silenciosas, nas quais o sentido só se revela se trabalharmos com amplos períodos de tempo. Os acontecimentos espetaculares não passam muitas vezes de instantes, de manifestações dos grandes destinos e, somente neles, encontram explicação cabal. São o arfar respiratório das massas oceânicas.

Aqui aparece a guerra como ponto culminante das linhas de força que a ela conduzem, nela se cristalizam e, ao mesmo tempo, dão-lhe compreensão. É o tempo rápido dos tratados, da política contraditória, uma seqüência de atos individuais, de destinos, de acidentes. A guerra entre espanhóis e turcos, o confronto político e físico entre a Espanha dos Habsburgo e o Império Turco-Otomano, que se enfrentam pela supremacia no Mediterrâneo, tendo por clímax a batalha de Lepanto. Supremo acontecimento. Antológica descrição de Braudel.

Segue-se a trégua hispano-turca, os incidentes europeus, os acontecimentos marítimos. Desfilam as grandes personagens, cinzeladas por Braudel: Carlo

V, Filipe II, Pio V, D. João, Farnesio, Granvelle. Esculturas debuxadas que Braudel apenas reverencia de passagem, e somente após ter estabelecido solidamente suas bases nas duas primeiras unidades, reduzindo os acontecimentos às suas justas proporções. De fato, os acontecimentos, sob o efeito imanente das forças profundas da longa duração, influenciados e dirigidos pelas forças estáveis da média duração, bordam sobre as estruturas e ao acaso, as mais surpreendentes variações.⁸

Recuperações histórico-metodológicas

De fato, no dizer do próprio Braudel, este livro responde a propósitos contraditórios. "Interessa-se por estruturas sociais, portanto, por mecanismos de lenta utilização. Interessa-se, também, pelo seu movimento. E mistura, finalmente, aquilo a que o nosso calão chama *estrutura* e *conjuntura*, o imóvel e o que se move, a lentidão e o excesso de velocidade".⁹

Num texto teorizante de 1958¹⁰ Braudel recolocava a questão das relações temporais, afirmando que, para ele, nada havia de mais importante, no centro da realidade social, do que a viva e íntima oposição, infinitamente repetida, entre o instante e o tempo lento no espaço. A duração social, esses tempos múltiplos e contraditórios da vida dos homens, são a substância do passado. *A história é a dialética da duração*.¹¹

Efetivamente, esta dialética está tão visceralmente integrada nas articulações mentais de Braudel que o próprio título da obra em questão revela as durações, consciente ou inconscientemente. O Mediterrâneo é a longa duração. A época, cuja extensão se convencionou estipular em torno de quarenta anos, é a média duração. Filipe II, o contingente, o imediato, o tempo curto.

Extremamente concentrado na dialética da duração, Braudel, conscientemente, negligenciou a dialética das relações sociais posta pelo marxismo. Dizemos de forma consciente porque, no já citado artigo sobre a "Longa Duração", diz que o gênio de Marx provinha do fato de ter sido ele o primeiro a elaborar modelos a partir da longa duração histórica. Teve a força criadora da análise mais poderosa do século passado, mas

⁷ Prefácio da Primeira Edição, p. 25.

⁸ FEBVRE, Lucien, *ibid.*, p. 239.

» BRAUDEL, Fernand, *O mediterrâneo...*, p. 399.

¹⁰ BRAUDEL, Fernand, "A longa duração", in, *História e Ciências Sociais*, trad. port., Editorial Presença, 1972, p. 7-70.

¹¹ BRAUDEL, Fernand, "História e Sociologia", in, *Essays sobre a História*, trad. port., Editora Perspectiva, São Paulo, 1978, p. 98.

permaneceu limitado porque os modelos foram imobilizados em sua singeleza, concedendo-lhes um valor de lei, de explicação prévia, automática, aplicável a todos os lugares e a todas as sociedades. Para ele, pelo contrário, caso as análises fossem devolvidas às águas mutáveis do tempo, o seu sustentáculo manifestar-se-ia, porque é sólido e muito bem construído.¹²

Está bem claro. Seu método foi imobilizado por seus seguidores. Não pelo próprio Marx, que fez suas análises carregadas de uma profunda historicidade. Nem por todos os seus marxistas, apenas os mais esquemáticos, diga-se de passagem.

História dialética da duração. História dialética das relações sociais. Caminhos diversos, em larga medida antagônicos, no afã de superar o imediatismo, o empirismo, a preponderância do objeto. Vê-se, pois, na postura teórica de Braudel, a tentativa de ultrapassar as manifestações mais imediatas e captar, quem sabe, o que os marxistas denominariam de as últimas determinações. São, no fundo, variadas formas de aproximação do objeto. Diferentes níveis de acercamento e enfoque. Um faz-se pela duração, pelo elo tempo-espaço e o outro pelas relações sociais de produção. Interessante notar que Braudel não pensa sua postura metodológica como a última palavra. O juízo final. Considera-a somente uma das possibilidades da linguagem comum em vias de uma confrontação das ciências sociais.

A lamentar-se apenas, que, em seu viés interpretativo, não se desse o trabalho de refinar os instrumentos de compreensão do processo de produção, assim como fez em relação ao equipamento indispensável à mensuração do tempo. De fato, seguindo as pegadas de Lucien Febvre que define, primeiramente, a utensilhagem mental do século XVI antes de interrogar-se sobre a religião de Rabelais¹³, Braudel não se questionou sobre o sentido da expressão capitalismo, que utiliza da forma mais vaga possível. Fala em capitalismo ágil, grande capitalismo, enorme capitalismo, alto capitalismo, capitalismo mesclado, capitalismo nórdico. Quando tenta precisar melhor o sentido do seu capitalismo, identifica-o ao lucro, à acumulação de capital, o que transforma o capitalismo numa *longuíssima duração*, pois seria encontrável na mais remota antiguidade, onde quer que, pela primeira vez, uma

atividade econômica tivesse sido conduzida com o definido propósito de propiciar lucro. Apesar de ter produzido posteriormente uma obra notável sobre a vida material dos séculos XVI a XVIII, o conceito de Braudel sobre o capitalismo não sofreu alterações estruturais, permanecendo preso nos limites determinados na obra em questão.¹⁴

Questões fundamentais? Talvez. Mas que em nada empanam o brilho da obra de Fernand Braudel. Assim como se fala no *Tawney's Century*, para referir-se ao domínio que este mestre da historiografia inglesa exerceu sobre a produção histórica relativa à segunda metade do século XVI, na Inglaterra, nada mais justo do que se falar no *Siècle de Braudel*, quando pensamos no conjunto da problemática histórica do mundo mediterrâneo que ele criou, ou recriou.

Nenhum trabalho de história da nossa época fez tanto pela alteração da perspectiva, não somente da história do Mediterrâneo, mas e, sobretudo, da tarefa do historiador. Nestes termos, um livro sem paralelo. H.G. Koenigsberger observou, com propriedade, que nenhum estudioso sério de história poderia passar sem uma cópia desse livro de Fernand Braudel. Ou, diríamos, ao menos sem a leitura de uma centena de suas belas páginas, não importa quais.

Se me fosse perguntado qual o conselho que daria aos jovens estudiosos de história a propósito deste livro, reprisaria, fazendo minhas as palavras de Lucien Febvre ao anunciar ao mundo o livro de Fernand Braudel: "Eu gostaria de dizer, sobretudo, aos jovens: leiam, releiam, meditem sobre este belo livro. Longamente. Façam dele um companheiro. O que vocês aprenderão sobre as coisas, novas para vocês, sobre o mundo do século XVI é incalculável. Mas o que vocês aprenderão sobre os homens em si, sobre a sua história e sobre a própria História, sua verdadeira natureza, seu método e seu objeto — vocês jamais poderiam imaginar.

Este não é um livro que instrui. É um livro que engrandece".

¹² BRAUDEL, Fernand, "A longa duração", *art. cit.*, p. 66.

¹³ FEBVRE, Lucien, *O Problema da Descença no Século XVI. A Religião de Rabelais*. Trad. port., Lisboa, Editorial Início, s.d.

¹⁴ BRAUDEL, Fernand, *Civilization Matérielle et Capitalism*, Paris, Armand Colin, 1967. Esta mesma obra aparece como o primeiro volume de um conjunto de três sob o título geral *Civilization Matérielle, Economic et Capitalism*, Paris, Armand Colin, 1980. O primeiro volume foi traduzido para o português e integra a *Coleção Rumos do Mundo*, volume X, *Civilização material e Capitalismo*, tradução de Maria Antonieta Magalhães Godinho, Edições Cosmos, Lisboa, 1970. A página 479 explicita sua visão de capitalismo, uma espécie de terceiro andar imbuído de um relativo movimento, que se assenta sobre "estruturas pouco flexíveis, as da vida material e, não menos, as da vida econômica ordinária".

Braudel, demiurgo do Mediterrâneo

José Jobson de Andrade Arruda é professor do Departamento de História da USP.